

# Marcos

Teologia do Novo Testamento

rev. Jonathan Hack  
agosto de 2014

## MARCOS

O livro de Marcos foi ignorado por bom tempo na igreja por ser considerado um resumo dos evangelhos maiores. Agostinho dizia ser desnecessário estudá-lo porque apenas seguia Mateus. Por isso não é muito citado pelos pais da igreja. Seu primeiro comentário foi escrito apenas no século 16, por Vicente de Antioquia; e o segundo comentário no século 19! Após o surgimento da crítica histórica, Marcos passou a ser considerado o 1º evangelho escrito.

### 1. Estrutura do livro

O livro pode ser estruturado em duas partes: 1–10 (ministério de ensino e cura) e 11–16 (crucificação). Seu objetivo é convencer o leitor sobre a divindade de Jesus e sua morte sacrificial pelos homens.

A introdução da obra já revela o foco do seu autor. “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (1.1). Marcos anuncia as boas novas proclamadas acerca de Jesus e proclamadas por Jesus.<sup>1</sup> Elas falam do reino de Deus que está chegando (1.15), no qual se entra mediante arrependimento. O evangelho vem do próprio Deus e fala de sua ação redentora graciosa para com todos os homens; por isso deve ser anunciado por todo o mundo.

Muitos qualificam o texto de 10.45 como o tema central de Marcos: Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, que vem servir, sofrer e dar sua vida em resgate pelos pecados do povo. Seus discípulos devem segui-lo neste caminho para a glória por meio do sofrimento e do sacrifício.

### 2. Características peculiares

- 90% do seu conteúdo está presente em Mt e/ou Lc; apenas 31 versículos lhe são exclusivos. Três relatos são exclusivos de Mc: a parábola da semente que cresce secretamente (4.26-29); a cura do cego em Betsaida (8.22-26); e a fuga do jovem (14.43-52).
- Eventos exclusivos: 3.21 (rejeição da família); 6.31 (retirar-se para descansar devido ao muito trabalho); 7.31-35 (cura pelo cuspe); 8.22-26 (cura gradual do cego); 14.51-52 (fuga do jovem nu).
- Ditos exclusivos: 2.27 (sábado); 3.26-29 (parábola da semente); 9.39 (falar mal de Jesus); 9.49-50 (sal); 12.29 (Shemá); 12.33-34 (elogio do escriba); 13.33-37 (parábola da figueira).
- Ausência de narrativas do nascimento de Jesus, que são substituídas pela clara declaração de que Jesus é o Filho de Deus (1.1). A mente romana ficaria mais impressionada com as ações miraculosas de Jesus do que com seu nascimento ou ensino.
- Os discípulos têm um papel ambíguo. São os 12 escolhidos (3.13-19) que representam as 12 tribos do novo Israel; são enviados com autoridade (6.7-13,30). Contudo, embora tenham o privilégio de receber em particular a revelação de Jesus, eles não conseguem entender sua mensagem (4.13; 7.18) e milagres (4.40; 6.52; 8.4), nem sabem o que fazer diante do que estava acontecendo (9.6,18). Também não entendem a necessidade de seu sofrimento (8.32; 9.32) e agem com orgulho em sua posição (9.38; 10.13,37,41), gerando repreensões de Jesus (8.14-21; 9.19). Dos quatro evangelhos, Marcos é o que mais salienta sua falibilidade como parte do seu processo de discipulado, em vez de idealizá-los como futuros líderes da igreja. Marcos não relata a restauração dos discípulos (como nos

<sup>1</sup> No grego, temos aqui um genitivo plenário, isto é, subjetivo e objetivo.

demais evangelhos), contrastando sua infidelidade com a fidelidade de Jesus. Jesus é o modelo do discípulo autêntico.

- Os oponentes básicos de Jesus são Satanás e seus demônios; em segundo lugar, os líderes religiosos de Israel. Os dois grupos se opõem à proclamação do reino de Deus por Jesus, mas a vitória é certa (1.21-24) e os demônios reagem com terror (1.34; 3.11; 5.7). Os líderes religiosos também se sentem ameaçados pela popularidade de Jesus e sua associação com pecadores. São retratados como incrédulos, hipócritas e iníquos.
- São os personagens insignificantes que revelam a resposta correta a Jesus: Levi (2.13-17), a mulher com a hemorragia crônica (5.25-34), Jairo (5.35-42), o pai do endemoniado (9.24), Bartimeu (10.48-52). Jesus também elogia a mulher que o unge (14.3-9) e a viúva pobre (12.41-44). Os gentios também o buscam (7.24-30; 15.39).
- Dentre os 4 evangelhos, Marcos apresenta o retrato mais humano e terreno de Jesus. Ele enfatiza a morte de Jesus (extensa narrativa da paixão), com uma breve e enigmática narrativa sobre a ressurreição.
- É o evangelho dos atos, e não dos discursos: relata apenas 18 das 70 parábolas dos sinóticos, mas dos 35 milagres, conta 10 a mais que os outros.

### 3. Estilo literário

A obra apresenta uma narrativa ágil (42x *euthus*, “imediatamente”, contra 5x em Mt e 1x em Lc),<sup>2</sup> cheia de ação e com um toque realista e intenso pelo uso do presente histórico (151x, contra 93x em Mt e 11x em Lc).<sup>3</sup> Seus relatos são mais vívidos e completos do que Mateus e Lucas. Em geral ele apenas registra o que aconteceu, sem tecer comentários ou dar explicações, fazendo com que sua narrativa pareça um noticiário televisivo. O livro valoriza as ações e não o ensino de Jesus; ele é apresentado como um homem que age, que faz acontecer.

Seu grego é estranho e com diversos erros gramaticais e uso de gírias.

Marcos escreve provavelmente para romanos, daí sua descrição de costumes e lugares judaicos (1.5; 2.18; 7.3-4; 13.3; 14.12; 15.42) e tradução de termos aramaicos (3.17; 5.41; 7.34; 10.46; 14.36; 15.22,34), além da inserção de latinismos (4.21; 6.27; 7.4; 12.14,42; 15.16,39, 42).

Marcos agrupa os eventos para efeito retórico. O ministério de Jesus começa com diversas curas e exorcismos que demonstram sua autoridade (1.21-28,29-31,32-39,40-45). Depois se segue uma série de controvérsias, iniciando o conflito com os líderes religiosos (2.1-12,13-17,18-22,23-27; 3.1-6). As parábolas também são agrupadas (4.1-34), assim como outros confrontos com os líderes religiosos (capítulo 12).

Importante recurso literário de Marcos é o uso de surpresas.

- Como começaríamos a escrever um Evangelho (um relato sobre a vida de Jesus)?
  - Expectativa: Fp 2.6 (no céu com Deus), Lc (anúncio especial por meio de anjos)
  - Mc: começa com João Batista e o batismo de Jesus. Dá a impressão de que João é mais importante que Jesus. Ele não apresenta o nascimento virginal (pureza) e ainda por cima começa com o batismo, algo necessário para os impuros.
- Como terminaríamos o Evangelho?
  - Expectativa: que mostrasse como os discípulos responderam à ressurreição, manifestando grande alegria, o ponto mais alto do Evangelho.
  - Mc (considerando o final curto em 16.8): não há narrativas da ressurreição e termina com os discípulos em medo. Ele não inspira fé.

<sup>2</sup> Veja, por exemplo, 1.10,12,18,20,21,23,28,29,30,42,43.

<sup>3</sup> O presente histórico do grego é o uso de verbos no presente para descrever ações do passado.

- Quanto à morte de Jesus
  - Expectativa: Jesus no controle da situação, ênfase no sacrifício pelo pecado, discípulos estão felizes que ele se ofereceu pelos pecados do mundo
  - Mc: abandonado pelo Pai (uma única palavra na cruz: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”). Jesus é apresentado como vítima. Os discípulos estão surpresos, fogem (Mc não os apresenta na cruz), negam e o traem.
- Quanto à cruz
  - Expectativa: cruz e paixão no final da narrativa e conectada com Jesus
  - Mc: a cruz é apresentada no meio do Evangelho (8.31; 9.31; 10.33) e é conectada com os discípulos (cada um deve levar a sua cruz).
- Conflito e oposição
  - Expectativa: Jesus é popular, oposição vem quando Jesus vai a Jerusalém, limpa o templo e prediz sua ressurreição
  - Mc: cinco diálogos de conflito no começo (2.1-3.6). Em 3.6 os fariseus e herodianos querem matar Jesus. Conflito no deserto e no 1º dia de ministério há conflito com demônios. Ele enfatiza bastante o conflito de Jesus e oposição recebida dos outros.
- Milagres
  - Expectativa: sinal e prova superlativa de que Jesus é o Messias, espalhem a fama de Jesus ao longe
  - Mc: nem os seus discípulos entendem os milagres (8.17-18; Jesus os repreende 10x sobre não entendê-lo). Jesus ordena o silêncio (segredo messiânico): depois de milagres (5.43), a demônios (1.24-25) e aos discípulos (8.29-30)
- Parábolas
  - Expectativa: ensinar o povo sobre o reino de Deus, tornar claro e compreensível o ensino de Jesus
  - Mc: o povo não entende e os discípulos precisam de explicações adicionais. O propósito de Jesus é esconder o significado (4.11-12)
- Descrições de Jesus
  - Expectativa: Messias, o Rei dos judeus, o exaltado Filho do Homem de Dn 7
  - Mc: não falar que Jesus é o Messias até o final (quando o centurião o reconhece), Herodes é o rei dos judeus e não Jesus.
- Descrições dos discípulos
  - Expectativa: pessoas com dons especiais, vidas exemplares, sem revelar suas fraquezas
  - Mc: discípulos com falhas; fogem, negam e traem; dureza de coração e falha de entendimento. Mc descreve as mulheres, os apóstolos e a família de Jesus (os 3 grupos reverenciados na Igreja primitiva) de forma bem negativa.
- A explicação das surpresas encontradas em Mc se justifica pela sua pregação às necessidades da comunidade:
  - Os judeus esperavam que o Messias vivesse para sempre. Marcos busca provar que o Messias tinha que ser crucificado conforme o propósito de Deus.
  - A adição de gentios à comunidade não era esperada. Marcos mostra que isto já estava acontecendo na vida de Jesus.
  - Como se entende os regulamentos do templo e da vida judaica (Lei)? Marcos mostra que Jesus é o novo templo, mostra como ele cura um leproso, o que se pode comer (Jesus proclama toda comida limpa). Enfatiza o que se mantém do AT e o que ficou para o passado.
  - O sofrimento derivado da perseguição. Pedro, Paulo, outros líderes foram martirizados. Alguns da comunidade estavam apostatando devido ao medo. Marcos mostra que Jesus profetizou sobre isto (Mc 13.12,14 = bilhete ao leitor para que perceba as conexões com os fatos que estavam acontecendo).

- Já no início de Marcos, ele apresenta o Messias sofredor, citando o Sl 2 (“Tu és meu filho”) e Is 42 (“Em ti me comprazo”). No final, ele não apresenta a ressurreição porque sua comunidade não viu os efeitos desta vitória: estavam com medo tal como os discípulos em todo seu tempo com Jesus. Os discípulos se comprometeram no final, assim a comunidade deve fazer. A comunidade se sentia abandonada por Deus, e Mc apresenta Jesus assim também.

Outro dispositivo literário usado por Marcos é a intercalação (ou “sanduíche”) de eventos, dividindo um relato e posicionando outro evento no meio dele. Os eventos se relacionam ao mesmo tema e servem para se interpretar mutuamente. Exemplos: Jesus limpa o templo, no meio da narrativa sobre a figueira (11.12-25; indica-se que a limpeza é o juízo divino sobre Israel, a figueira); o martírio de João Batista, no meio da missão dos doze (6.7-30; o discípulo deve estar disposto a dar sua vida pela causa); a rejeição dos líderes religiosos, no meio da rejeição da família (3.20-35); a cura da mulher com hemorragia, no meio da cura da filha de Jairo (5.21-43; a ênfase dos episódios está na fé). Às vezes a intercalação é usada para contrastar episódios. Exemplos: a confissão de Jesus no Sinédrio, em contraste com a negação de Pedro (14.53-72); a unção de Jesus pela mulher, em contraste com o plano dos religiosos em matá-lo (14.1-11).<sup>4</sup> Todas as intercalações contêm alguma alusão ao sofrimento e morte de Jesus, lançando a sombra da cruz sobre todo o evangelho.

Marcos gosta de usar um padrão ternário, a tríade. Exemplos: três cenas no barco ilustram a falta de fé e incompreensão dos discípulos (4.35-41; 6.45-52; 8.14-21); Jesus prediz sua morte e fala sobre a liderança servil (8.31-38; 9.31-37; 10.32-45); no Monte das Oliveiras, Jesus convoca os discípulos (13.33,35,37), mas os encontra dormindo (14.37,40,41); Pedro o nega (14.68,70,71); intervalos de três horas são mencionados na crucificação (15.25,33,34).<sup>5</sup>

Outro recurso estilístico usado é a ironia, já presente em seu tema central: o Messias que sofre. Exemplos: os religiosos acusam Jesus de ter vínculos com Satanás, mas são eles que têm (3.22); eles o bajulam falsamente como “verdadeiro”, mas o leitor sabe que ele o é (12.14); eles o chamam sarcasticamente de Cristo e Rei, mas ele o é (15.31-32); eles o rejeitam como Filho de Deus, mas um gentio reconhece esta verdade (15.39); os religiosos são excluídos e os excluídos são aceitos no Reino; o cego Bartimeu vê Jesus como o Filho de Davi, mas não os religiosos (10.46-52). Há também ironia verbal (6.4; 7.9).

## 4. A teologia de Marcos

Seu contexto é de perseguição. Marcos mostra os apóstolos, as mulheres e a família de Jesus de forma negativa. Eles são os três grupos em Atos 1 que começam a igreja: são os heróis do povo. Marcos mostra que no começo com Jesus eles passaram pelas mesmas lutas que a comunidade de cristãos passa na época em que ele escreve: incredulidade, medo, dúvidas. A última coisa que ouvimos dos apóstolos é que todos fugiram. Pedro o negou. Tudo isto mostra a rejeição inicial deles da mensagem recebida.

### 4.1. Cristologia

Marcos omite a maior parte do ensino de Jesus, mas enfatiza que Jesus era um mestre (12x) que “ensina” (o verbo ocorre 17x, contra 17x em Lc e 14x em Mt, mais longos). Ele enfatiza a autoridade por trás do ensino, e não o ensino em si. Marcos une os conceitos teológicos abstratos de Paulo (salvação pela graça) à proclamação concreta dos eventos da vida de Jesus. O centro de sua teologia é a cruz (nisso é similar a Paulo). Ali a vontade de Deus se realizou (14.36) devido à fidelidade de Jesus em beber o cálice da ira divina. Esta fidelidade se expressa na entrega de sua vida em resgate

<sup>4</sup> Estes seis exemplos são reconhecidos pela maioria dos comentaristas.

<sup>5</sup> Alguns autores identificam padrões ternários em todo o livro.

por muitos (10.45), e se contrasta com a infidelidade dos discípulos (14.26-31). Marcos equilibra sua teologia da glória com a da cruz.

Para isso, Marcos enfatiza que Jesus era tanto totalmente humano quanto o poderoso Filho de Deus. Ele é o poderoso Filho de Deus que se tornou homem. A obra registra diversas emoções humanas de Jesus, como compaixão (1.41; 6.34), indignação (10.14), ira e tristeza (3.5), admiração (6.6) e amor (10.21). Além de seu desconhecimento sobre sua volta (13.32) e desamparo por Deus (15.34), especialmente no Getsêmani (14.33). Jesus é também o Filho de Deus (1.1; 15.39), seu primeiro e último títulos neste evangelho. Marcos enfatiza sua extraordinária autoridade no ensino, cura, exorcismo e milagres. Sua filiação divina é confirmada no batismo (1.11) e na transfiguração (9.7) por Deus, e até os demônios reconhecem sua posição (1.24,34; 3.11; 5.7). Jesus admite ser o Filho de Deus perante Caifás (14.61-62). Contudo, Jesus persevera em seu ministério não por causa de seus atributos divinos, mas porque vive pela fé e em dependência de Deus.

Além disso, Jesus se apresenta em todos os evangelhos como o Filho do Homem, expressão messiânica que já vimos em Mateus. Com este título, Marcos ressalta sua autoridade divina em seu ministério público (2.10; 2.28) e em sua vinda (8.38; 13.26; 14.62). Mas também se refere bastante (em 9 das 14x) à humanidade de Jesus em seu sofrimento vicário (8.31; 9.31; 10.33; 14.21,41) e em sua missão de servir (10.45).

A confissão de Pedro marca uma virada no evangelho (8.29): é o primeiro reconhecimento de sua posição por uma pessoa do povo (antes só o mundo espiritual: o Pai e os demônios). Marcos registra diversos milagres até aquele ponto (15x), mas só 3 depois. Em contrapartida, usa Filho do Homem só 2x antes, e 12x depois. Portanto, Marcos vai desvendando o enredo aos poucos: sua primeira parte reconhece gradativamente Jesus como o Messias (revelando-se como o poderoso Filho de Deus nos milagres, curas, exorcismos e confrontos com os líderes religiosos), enquanto a segunda foca no Filho do Homem que deve sofrer e ressuscitar (em três episódios paralelos Jesus prediz sua morte, seus discípulos não compreendem, e Jesus ensina sobre o discípulo servil: 8.31-38; 9.31-37; 10.32-45).

Em relação a isso, um ponto teológico importante de Mc é o “segredo messiânico”. Nesta obra Jesus proíbe pessoas (1.44; 5.43; 7.36; 8.30) e demônios (1.25,34; 3.12; cf. 5.6-7) de proclamarem quem ele era. Além disso, procurava ocultar-se da multidão (1.35-37,45; 3.7; 4.35; 6.31,45-47; 7.24; 9.30) e revelava muitas coisas em particular aos discípulos (4.10-13,33-34; 7.17-23; 9.2-8,28-29,30-32; 10.10-12,32-34; 13.3-37). Porém, Jesus também agiu de forma contrária (5.19; 2.10); há uma tensão entre o segredo e a visibilidade. De fato, Jesus sabia ser o Messias, mas não o reivindicava sê-lo porque a multidão o compreenderia erroneamente e não pelo caminho da cruz a ser trilhado;<sup>6</sup> assim, este mistério (4.11) inicialmente é revelado só aos discípulos. A entrada triunfal em Jerusalém encerra o segredo e anuncia publicamente que ele é o Messias.

## 4.2. Reino de Deus

O Reino de Deus é o foco do ensino de Jesus, mas Marcos destaca o reino menos que os demais (14x, contra 49x em Mt e 39x em Lc). O termo designa Deus em ação (seu domínio, não uma região ou um grupo de pessoas). Além disso, é um conceito dinâmico, no sentido de que representa a autoridade soberana de Deus sobre o universo no presente, mas também sua consumação no futuro. Adicionalmente, pode se referir à autoridade espiritual de Deus sobre as vidas de seu povo ou a um reino messiânico concreto centrado em Jerusalém (11.10; 13.26-32). É presente (imane e concreto), mas se consumará no futuro (transcendente; 14.25; 9.1). Marcos também faz um anúncio escatológico (capítulo 13), porém de forma mais abreviada que Mateus. A ambiguidade se explica melhor ao se compreender o Reino como algo intimamente relacionado à presença de Jesus. O Reino

<sup>6</sup> Alguns estudiosos entendem que Jesus se recusou a ser identificado como o Messias até que sua missão estivesse completa. Outros acham que o segredo serve como contraste para a inevitável atenção gerada pelos seus milagres.

chegou porque o Rei se fez presente e deu sinais disso.

O Reino só é compreendido por meio de revelação (4.10-12). Entra-se no reino com uma atitude de dependência e humildade similar à das crianças (10.14-15); daí a dificuldade dos ricos (10.23-25). A atitude essencial do Reino consiste no amor a Deus e ao próximo (12.34). Além do arrependimento, a exigência para se entrar no Reino é a fé (1.15). A fé na divindade é algo distintivo da religião bíblica; as outras exigiam conformidade a rituais. Marcos demonstra que a fé é uma atitude fundamental (5.34; 10.52; 2.5; 5.36; 9.23-24,42; 11.23-24); não serão dados sinais para provar quem Jesus é (8.12; 15.32).

Marcos ressalta o conflito de Jesus com o mal, tanto nas tentações como nos exorcismos (fala 11x de espíritos imundos; contra 3x em Mt e 5x em Lc). A implantação do Reino de Deus inclui a derrota do mal e do reino de Satanás. O Reino também entra em conflito com a tradição religiosa da época, o que é retratado nas diversas controvérsias reunidas por Marcos, nas quais tudo que Jesus faz desperta oposição.

## **Bibliografia**

GROMACKI, Robert G. *New Testament survey*. Grand Rapids: Baker, 1974.

MARSHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

STRAUSS, Mark. *Four portraits, one Jesus: a survey of Jesus and the Gospels*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.